

Vieira revisitado por Besselaar

Adma Muhana

Todos os que estudamos a obra de Antônio Vieira estamos gratos à Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que acaba de publicar a obra póstuma de José van den Besselaar, *Antônio Vieira: profecia e polêmica*¹. Foi sua última obra, aprontada em 1985, que permaneceu inédita para além da sua morte, ocorrida em 1991. Já conhecíamos e consultávamos seus estudos históricos maiores acerca do profetismo de Vieira, *Antônio Vieira: o homem, a obra, as idéias* (1981) e *O sebastianismo: história sumária* (1987), bem como suas edições críticas do *Livro Antepimeiro da História do Futuro* (Münster, 1976 e, a *editio minor*, Lisboa, 1983). Mas também aqueles estudos “menores” e tão corretos: “Antônio Vieira e a Holanda” (*Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* 14, 1971) e “Erudição, espírito crítico e acribia na *História do futuro* de Antônio Vieira” (*Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília*, 1976). É por isso que, dezessete anos após sua redação, felicitamos aqueles que, numa demonstração de respeito pelo trabalho acadêmico alheio e de aplicação na construção de um saber mais amplo que os indivíduos, possibilitaram que este livro viesse à luz: os professores Evanildo Bechara, do Instituto de Letras da UERJ; Frits Smulders, discípulo do professor Besselaar na Holanda, que incansável se empenhou por esta publicação, e Luiz Felipe Baêta Neves, competente apresentador da obra.

Dando continuidade àqueles estudos, José van den Besselaar recupera neste livro aspectos básicos para a compreensão da obra profético-especulativa de Vieira, até então mal conhecidos, ou tão dispersos que obrigavam cada

¹Besselaar, José van den. *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2002. 508 p.

pesquisador a repetir uma longa investigação, nem sempre bem sucedida. Para esclarecê-los, Besselaar dividiu seu livro em duas partes bem diferenciadas. Na primeira, procede à edição da famosa Carta “Esperanças de Portugal”, que deu origem ao processo inquisitorial contra Vieira, publicando também três escritos que polemizam com a referida carta, quer defendendo-a, quer refutando-a. Com essas edições, seu principal objetivo é dar a conhecer a calorosa discussão havida nos anos de 1660 entre os adeptos de D. João IV e os de D. Sebastião, como pretendentes ao *topos* vago – vacante – do Rei Encoberto. Essa discussão é importante por demonstrar não só que a matéria profética de Vieira era comum a seus contemporâneos, como também que, em operar com tal matéria, num momento histórico em que o entendimento da História fundava-se em concepções providencialistas, Vieira nada tinha de visionário ou sonhador – apesar do que diz o próprio Besselaar..

Uma parte significativa dessa discussão pode ser lida no confronto entre o escrito de Nicolau Bourey, “Para os incrédulos del-rei D. João IV”, que visa a “apoiar e completar a tese do jesuíta” (p.114) e os dois escritos anônimos, o sebastianista “Ante-Vieira” e o nem tanto “Opinião contrária à da Ressurreição del-Rei Dom João IV”, inéditos os três até agora. A introduzir cada um deles, Besselaar antepõe uma “nota prévia” em que situa o texto na polêmica em questão, destacando pontos que considera relevantes; tece considerações estilísticas e gramaticais sobre a linguagem utilizada no texto, dissecou sua estrutura e, finalmente, fornece informações filológicas sobre o manuscrito e as cópias existentes – dando uma lição prática acerca do necessário cuidado na publicação de documentos históricos.

No caso específico da Carta “Esperanças de Portugal”, sua publicação se reveste de importância ainda maior porque, embora já editada por Seabra e Antunes (*Obras inéditas*, 1856), por Lúcio de Azevedo (*Cartas*, 1925) e por H. Cidade e A. Sérgio (*Obras escolhidas*, 1952), em todas essas ocasiões as transcrições tiveram caráter de difusão e atentaram pouco para o rigor crítico-filológico, havendo erros vários de leitura do manuscrito, bem como soluções bastante discutíveis com relação à modernização da grafia seiscentista. Foi, inclusive, por constatar tais problemas que, n’*Os autos do processo de Vieira na Inquisição* (1995), pensei em proceder a uma nova edição da Carta; tendo conhecimento deste trabalho editorial de Besselaar, porém, evitei duplicar desnecessariamente as edições. (O que não sabia, naquela época, é que

iria demorar tanto para vir a lume!) A espera valeu a pena: hoje, contamos com uma lição fidelíssima do manuscrito depositado na Torre do Tombo que, se não é o original da pena de Vieira, é o que ele reconheceu como tendo sido o que mandou copiar e enviar do Maranhão a Lisboa, em 1659. No aparato crítico, Besselaar explicita as opções que tomou na transcrição, registrando as variantes ortográficas, lexicológicas e sintáticas, bem como as omissões e acréscimos entre as variantes, e também suas próprias emendas e conjecturas, além de esclarecimentos acerca de personagens e acontecimentos históricos referidos por Vieira, identificação de fontes e traduções das passagens em latim da Carta.

A segunda parte da obra, constituída por 34 “notas complementares”, de variadas dimensões, discute tópicos que têm presença constante na obra profético-especulativa de Vieira, constituída por *Apologia das coisas profetizadas*, *História do futuro*, *Defesa perante o Santo Ofício*, *Defesa do livro intitulado Quinto Império* e *Clavis prophetarum*. São tópicos como aquele relativo às Trovas do Bandarra, às Dez tribos perdidas de Israel, ao Quarto livro de Esdras, às ressurreições de São Pedro de Rates e do Imperador Trajano, à doutrina do abade Joaquim de Fiore, aos Oráculos sibilinos etc. etc. Mas não só em escritos proféticos ou messiânicos, como em qualquer escrito teológico até o século XVII, encontramos um ou mais desses *topoi*, que pontilham o catolicismo ocidental como testemunhos da presença divina na história mundana e que serviram de pressupostos para uma multiplicidade de especulações e, claro, de ações – como a busca do paraíso por Colombo, ou a do reino do Preste João pelos descobridores portugueses. A partir do século XV – mais precisamente, de 1440 – quando, por meio de estudos filológicos, Lorenzo Valla desmascarou a falsificação da Doação de Constantino, a qual fundamentara o poder secular do papado, muitos daqueles textos que os escritores medievais tiveram por documentos fidedignos foram denunciados como pseudo-testemunhos – caso dos livros sibilinos, do quarto livro de Esdras, das profecias de Santo Isidoro de Sevilha e tantos mais. Reconhecidos como falsos, esses textos paulatinamente deixaram de ser citados e, a partir do século XVIII, desapareceram das edições, até mesmo das enciclopédias, embora se mantenham como referências importantes para a interpretação de obras da Antiguidade e do Medievo. Atualmente, quem busca uma obra desses pseudo-autores só o consegue com dificuldade, pois as edições moder-

nas excluem todas aquelas que a razão iluminada considerou apócrifas. Quem, por exemplo, quiser ler as chamadas profecias de Santo Isidoro, certamente terá de recorrer a edições não autorizadas (e não menos raras de encontrar), pois não as localizará em qualquer das gabaritadas edições das “obras completas” do santo. Um caso divertido e paradigmático que ilustra bem essas ausências ocorreu quando preparava a *Apologia das coisas profetizadas*. Em certo momento, Vieira cita o Livro IV de Esdras, numa passagem cujo latim diverge dos padrões da língua latina clássica. O tradutor, que não conseguia se entender com a passagem em questão e sem encontrar referências ao Livro IV de Esdras nas obras que consultou, sentenciou ter havido erro do copista (eu mesma) – pois nem o livro, nem, conseqüentemente, tal citação poderiam existir, sendo que tantos e tamanhos erros jamais poderiam ser atribuídos ao grande Vieira! Se este livro do prof. Besselaar houvesse sido editado naquela altura, talvez fosse mais fácil explicar ao tradutor que o Livro IV Esdras, de autoria de um judeu desconhecido, foi escrito no final do século I d.C. e traduzido ao latim possivelmente por um autor cristão pouco letrado, tendo tido grande prestígio junto aos Padres da Igreja e por toda a Idade Média – tanto que, “apesar de excluído da lista dos livros canônicos pelo Concílio de Trento, continuava a figurar, a modo de apêndice na edição da Vulgata Latina” (p.338). Informações semelhantes a essas, da maior importância para os pesquisadores, Besselaar foi buscar em obras esquecidas, aliando uma vasta erudição a um preciso rigor dedutivo – para oferecê-las ao público a modo de candeia acesa, que alumia o que a ignorância se recusa a ver (como recordará quem leu o *Livro Antepimeiro* de Vieira). Enfim, estamos perante um trabalho de pesquisa histórica e filológica exemplar, que tanto gratifica os estudiosos como orgulha as editoras universitárias brasileiras.